

INSTRUÇÃO: As questões de números **01** a **03** tomam por base trechos de duas obras de Machado de Assis (1839-1908).

– *Mas, enfim, que pretendes fazer agora? perguntou-me Quincas Borba, indo pôr a xícara vazia no parapeito de uma das janelas.*

– *Não sei; vou meter-me na Tijuca; fugir aos homens. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos, e não sou nada.*

– *Nada! interrompeu-me Quincas Borba com um gesto de indignação.*

Para distrair-me, convidou-me a sair; saímos para os lados do Engenho Velho. Íamos a pé, filosofando as coisas. Nunca me há de esquecer o benefício desse passeio. A palavra daquele grande homem era o cordial da sabedoria. Disse-me ele que eu não podia fugir ao combate; se me fechavam a tribuna, cumpria-me abrir um jornal. Chegou a usar uma expressão menos elevada, mostrando assim que a língua filosófica podia, uma ou outra vez, retemperar-se no calão do povo. Funda um jornal, disse-me ele, e “desmancha toda esta igreja”.

– *Magnífica idéia! Vou fundar um jornal, vou escachá-los, vou...*

– *Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.*

Daí a pouco demos com uma briga de cães; fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, com o furor nos olhos... Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço, e parecia em êxtase.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.)

Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as Memórias póstumas de Brás Cubas, é aquele mesmo naufrago da existência que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia [Humanitas]. Aqui o tens agora em Barbacena. Logo que chegou, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida, mas, tão acanhada, que os suspiros do namorado ficavam sem eco. Chamava-se Maria da Piedade. Um irmão dela, que é o presente Rubião, fez todo o possível para casá-los. Piedade resistiu, um pleuris a levou. Foi esse

trechozinho de romance que ligou os dois homens.

(...)

Rubião achou um rival no coração de Quincas Borba – um cão, um bonito cão, meio tamanho, pêlo cor de chumbo, malhado de preto. Quincas Borba levava-o para toda parte, dormiam no mesmo quarto. De manhã, era o cão que acordava o senhor, trepando ao leito, onde trocavam as primeiras saudações. Uma das extravagâncias do dono foi dar-lhe o seu próprio nome; mas, explicava-o por dois motivos, um doutrinário, outro particular.

– Desde que Humanitas, segundo a minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja cristão ou muçulmano...

– Bem, mas por que não lhe deu antes o nome de Bernardo? disse Rubião com o pensamento em um rival político da localidade.

– Esse agora é o motivo particular. Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não?

Rubião fez um gesto negativo.

– Pois devias rir, meu querido. Porque a imortalidade é o meu lote ou o meu dote, ou como melhor nome haja. Viverei perpetuamente no meu grande livro. Os que, porém, não souberem ler, chamarão Quincas Borba ao cachorro, e...

O cão, ouvindo o nome, correu à cama. Quincas Borba, comovido, olhou para Quincas Borba.

(Machado de Assis, *Quincas Borba*.)

1

Em *Quincas Borba*, a opção por um enunciador em terceira pessoa, que apenas relata os fatos, difere da solução encontrada por Machado de Assis para *Memórias póstumas de Brás Cubas*, sua obra anterior, a qual marcou o início do Realismo no Brasil. Transcreva dois exemplos que caracterizam o tipo de enunciador presente em *Memórias póstumas*, dando explicações resumidas.

Resolução

O gênero memorialístico, que Machado de Assis mimetiza na ficção de Memórias póstumas, caracteriza-se por ser enunciado em primeira pessoa, como fica evidente no texto a partir do primeiro pronome referente ao narrador: “perguntou-me”. Este e diversos outros pronomes de primeira pessoa, assim como duas formas verbais, uma no singular (“...eu não podia...”) e outra no plural (“...demos...”) não deixam dúvida a respeito do ponto de vista narrativo adotado no romance.

2

No trecho transcrito de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, está estampada uma oposição entre o lugar ocupado por Quincas Borba, um filósofo e um “grande homem”, e as pessoas comuns. Comente dois exemplos extraídos do fragmento, pelos quais fica evidente essa distinção, tanto no plano dos fatos quanto no plano lingüístico.

Resolução

Ao relatar sua conversa com Quincas Borba, Brás Cubas destaca o caráter “elevado” da linguagem de seu interlocutor, ao observar que ele “chegou a usar uma expressão menos elevada, mostrando assim que a língua filosófica podia, uma ou outra vez, retemperar-se no calão do povo”. Entende-se, portanto, que Quincas Borba empregava vocabulário erudito, possivelmente elevado de jargão filosófico.

No plano dos fatos, e não mais da linguagem, Brás Cubas relata o comportamento singular do “grande homem”, ao vislumbrar na briga dos cães — “fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor” — uma confirmação de suas mais profundas especulações filosóficas.

3

Em *Quincas Borba*, as razões para o protagonista dar seu próprio nome ao cachorro de estimação se fundamentam em dois argumentos – um doutrinário e outro particular. Explique em que consiste a primeira razão, tendo em vista os dados fornecidos pelo texto.

Resolução

Segundo o argumento de Quincas Borba, o cão, como todo ser vivo, é uma expressão de Humanitas. Assim, não seria descabido atribuir o mesmo nome a duas manifestações semelhantes do mesmo princípio — “seja cristão ou muçulmano” esse nome, como acrescenta ironicamente o filósofo incrêdo.

INSTRUÇÃO: As questões de números **04 a 07** tomam por base um fragmento do livro *Vidas Secas*, escrito por Graciliano Ramos (1892-1953).

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de moscas, semelhante a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.

Sinha Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta: — Vão bulir com a Baleia?

Tinham visto o chumbeiro e o polvarinho, os modos de Fabiano afligiam-nos, davam-lhes a suspeita de que Baleia corria perigo.

Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, reboavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras. (...)

Fabiano percorreu o alpendre, olhando a baraúna e as porteiras, açulando um cão invisível contra animais invisíveis: — Eco! Eco!

Em seguida entrou na sala, atravessou o corredor e chegou à janela baixa da cozinha. Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente.

4

Em *Vidas Secas*, “bicho” e “gente” se aproximam de tal forma que alguns estudiosos vêem na obra duas características, denominadas *antropomorfização* e *zoomorfização*. Transcreva o trecho em que esses processos se manifestam, dando a devida explicação.

Resolução

Em “*Ela era como pessoa da família*” e “*a cachorra espiou o dono desconfiada*”, nota-se o processo de *antropomorfização*, que consiste em atribuir características humanas a animais. Comparar a cachorra a uma pessoa e caracterizá-la como “desconfiada” é clara utilização desse processo.

Ainda em “*Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam*”, o narrador põe no mesmo plano a cachorra e os meninos, ao afirmar que ambos não se distinguiam, o que constitui *zoomorfização*, ou seja, atribuição de aspectos animais a seres humanos.

5

Comparando o segundo e o terceiro parágrafos do fragmento de *Vidas Secas*, explique a diferença no emprego dos tempos, quando o enunciador opõe formas verbais no pretérito mais-que-perfeito (como *imaginara* e *amarrara-lhe*) e no pretérito perfeito (como *resolveu*, *lixou-a* e *limpou-a*).

Resolução

As formas de pretérito mais-que-perfeito (*imaginara* e *amarrara-lhe*), no segundo parágrafo, enunciam ações passadas anteriores às ações indicadas por meio do pretérito imperfeito (*roçava-se*, *metia-se*, *enxotava-se*). As formas verbais no pretérito perfeito (*resolveu*, *lixou-a* e *limpou-a*) indicam ações concluídas no passado.

6

Levando em conta que tanto o fragmento de *Quincas Borba* quanto o de *Vidas Secas* descrevem fisicamente os animais (o cão Quincas Borba e a cachorra Baleia), faça uma avaliação de ambas as descrições, mostrando em que elas se distinguem.

Resolução

Quincas Borba é descrito como “um bonito cão, meio tamanho, pêlo cor de chumbo, malhado de preto, enquanto *Baleia* “*tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas*”. O primeiro é caracterizado como um animal saudável e o segundo, doente, debilitado. *Quincas Borba*, o cão, parece o antípoda, simples e sadio, de seu homônimo “filosófico” e doentio. Já *Baleia* parece espelhar, em sua vida, doença e morte, o drama desumano que seus donos enfrentam.

No último parágrafo, o enunciador diz que Fabiano fica aborrecido com a “manobra” de Baleia. A que “manobra” ele se refere? Explique resumidamente.

Resolução

No trecho “Aborrecido com esta manobra”, o pronome “esta” refere-se à ação imediatamente anterior praticada por Baleia: “foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras”.

INSTRUÇÃO: As questões de números **08 a 10** tomam por base um texto extraído do jornal *Folha de S. Paulo*.

PROGRAMA TRATA BICHOS COMO GENTE

Laura Mattos

Já faz tempo, mas ninguém esquece. Em 1991, flagrado ao utilizar um carro oficial para levar sua cadela ao veterinário, o então ministro do Trabalho, Antonio Rogério Magri, deu a célebre declaração: “Cachorro também é ser humano”.

É essa também a filosofia do “Pet.Doc”, programa escolhido pelo GNT dentre cem candidatos em processo de pitching – no qual produtoras independentes apresentam seus projetos a uma banca formada por diretores do canal.

“É um programa que vai tratar o pet [animal de estimação] como se fosse gente”, afirmou à Folha Leonardo Edde, sócio da produtora carioca Urca Filmes, responsável pelo projeto.

“Vamos tratar o animal, seja um cachorro, um rato ou um papagaio, sempre pelo nome, como um ser humano, mostrar a importância dessa ‘pessoa’ e contar suas histórias”, diz.

Em sua opinião, esse tom irá diferenciar o “Pet.Doc” de outros programas sobre animais exibidos na TV aberta e fechada “que mostram campeonatos de cães e as melhores raças”.

Edde afirma que a Urca optou por esse tema após analisar pesquisas que apontam que mais de 70% da população brasileira possui um pet.

Segundo Edde, “Pet.Doc” é baseado no livro Nós e Nossos Cães (ed. Globo), de Cacau Hygino. “São várias histórias de como o cachorro mudou a vida de pessoas, de gente que era triste e arrumou um motivo para viver”, afirma o produtor.

“A idéia do programa é baseada no jeito como os donos tratam seus pets. Eles falam dos animais e agem com eles como se fossem filhos”, aponta. (...)

O piloto (episódio teste) foi gravado com Caco Ciocler, Marília Pêra e Vivianne Pasmarter. Vivianne é dona de um cachorro que atuou ao lado de sua personagem na novela “Páginas da Vida”, da Globo.

O autor de novela Ricardo Linhares (“Paraíso Tropical”) e sua cadela Zoca também serão mostrados. “Nossa intenção é desmistificar a celebridade, como fazemos com o ‘Tira Onda’, do Multishow [famosos assumem profissões diferentes por um dia]”, explica Edde.

(Folha de S.Paulo, 02.01.2008.)

8

Quanto ao gênero, o texto extraído da *Folha de S. Paulo* é diferente dos três fragmentos já transcritos nesta prova. Por seu caráter de notícia, identifica as pessoas, utiliza termos estrangeiros com liberdade, apóia-se em estatísticas e pesquisas etc. O próprio tempo é fixado com maior precisão, como se vê na indicação da data de publicação do artigo (02.01.2008). Com base nessas considerações, destaque e comente dois outros elementos do texto capazes de ligar essa notícia a uma determinada época, mais próxima ao presente.

Resolução

Há diversos índices de que se trata de fatos recentes: 1991 é dado como um tempo distante; mencionam-se fenômenos atuais como TV a cabo (“TV fechada”); utiliza-se vocabulário inglês para designar animais domésticos (“pets”) e faz-se referência a atores e novelas atuais.

9

Partindo da declaração do ministro Antonio Rogério Magri, destaque as semelhanças entre o texto *Programa trata bichos como gente* e o fragmento de *Quincas Borba*, quanto ao modo como abordam a questão dos nomes dos animais.

Resolução

Tanto no texto de Quincas Borba quanto na matéria jornalística há atribuição aos animais de características humanas ligadas ao nome. Quincas Borba considera que os cachorros compartilham da mesma essência que anima os homens e os demais seres vivos; daí ser aceitável tratá-los com os mesmos nomes. Identificação semelhante entre ser humano e animal foi formulada pelo ministro Magri em sua famigerada frase. Idêntico princípio embasa o programa que se propõe a “tratar os bichos como gente”: “sempre pelo nome, como um ser humano”.

10

Compare as falas das pessoas entrevistadas por Laura Mattos com a frase “se acaso me fizeste o favor de ler as *Memórias póstumas de Brás Cubas*”, retirada do primeiro parágrafo do trecho de *Quincas Borba*, identificando para quem as falas e a frase destacada são dirigidas.

Resolução

A frase do romance Quincas Borba é dirigida ao leitor. As falas das pessoas entrevistadas por Laura Mattos são dirigidas à reporter, identificada metonimicamente com o jornal (“como afirmou à Folha Leonardo Edde”).

REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia atentamente os textos seguintes.

Dose pra cachorro

Remédios de gente agora também são usados para melhorar a qualidade de vida dos animais

Duda Teixeira

Os animais de estimação costumam ficar parecidos com seus donos – e a semelhança não se limita a trejeitos e hábitos. Muitos cães, que passam o dia confinados em apartamento, empanturrando-se de comida, tornam-se obesos e sofrem de depressão. Natural, então, que compartilhem os remédios criados para os seres humanos. No início deste ano, a Food and Drug Administration (FDA), agência que controla a venda de alimentos e de remédios nos Estados Unidos, deu aval a dois novos medicamentos para cães. O primeiro deles, que começará a ser vendido pela Pfizer neste mês, pretende combater a obesidade canina. Atua de maneira análoga à de alguns inibidores de apetite vendidos em farmácias, que limitam a absorção de gordura no intestino. O outro medicamento é uma goma de mascar com irresistível (para os cães) sabor de bife, que traz na composição a fluoxetina, a mesma substância do antidepressivo Prozac. A Eli Lilly, fabricante do produto, estuda outros seis remédios baseados, em parte, em moléculas utilizadas em medicamentos para humanos. Todos são esperados para os próximos quatro anos.

O interesse dos grandes laboratórios farmacêuticos nos animais de estimação explica-se pelo potencial de consumo. Nos Estados Unidos, existem quase 163 milhões de cães e gatos, cujos donos gastam 5 bilhões de dólares anualmente com seus companheiros. Nos últimos cinco anos, a FDA aprovou mais de duas dúzias de remédios para esses animais, muitos deles bem parecidos com similares criados para uso humano. Na verdade, o homem e o cão compartilham a mesma fisiologia básica. “Em geral, os medicamentos liberados para uso humano foram testados antes em animais”, diz o zootecnista Alexandre Rossi, de São Paulo. A diferença desses novos remédios em relação à farmacologia veterinária tradicional está no fato de que não pretendem simplesmente curar doenças. Seu objetivo é melhorar a qualidade de vida dos bichos, atacando alguns problemas crônicos, como ansiedade, excesso de peso, má digestão ou tosse.

(Veja, 09.05.2007.)

*Arrastão tira cachorros de praias do litoral norte
As Sociedades de Bairros de São Sebastião querem conscientizar donos sobre perigos causados por animais. Lei proíbe a presença de bichos nas areias, mas proprietários nem ligam.*

As 16 sociedades de bairro das praias de São Sebastião, litoral norte, fazem hoje um arrastão advertindo sobre o perigo representado pelos cães na areia.

Uma lei municipal proíbe a entrada de animais na praia, mas poucas pessoas respeitam a regra. É o caso da decoradora Mey Freitas, que não abre mão de levar seu cão de estimação à praia de Boiçucanga. “Todo mundo adora o ‘Caco Antibes’.” Segundo ela, o maior problema é com os cães vira-latas. “Meu cachorro não faz xixi nem cocô na areia.”

Ela admite que prefere pagar multa a deixar o cachorro em casa. Para a Sociedade Amigos da Praia de Maresias (Somar), a falta de fiscalização e punição contra este tipo de atitude é o maior inimigo de seus projetos. “Mas hoje vamos alertar a população”, diz o presidente da Somar, José Roberto Praça de Menezes.

Castração de animais – “Além de causar doenças e morder os banhistas, os animais rasgam os sacos de lixo espalhando sujeira pela praia toda”, alerta a secretária da sociedade, Ana Maria de Oliveira. “Além de passeatas, nós também fazemos uma campanha de castração de animais. Quem leva o bicho ao posto veterinário ganha uma camiseta.”

(O Estado de S. Paulo, 27.01.2001.)

Rock da cachorra

Eduardo Dussek – Leo Jaime

Uauuu, uauuu, uauuu... Ahhh...

Uauuu, uauuu, uauuu... Ahhh...

Baptuba, uap baptuba

Baptuba, uap baptuba

Baptuba, uau uau uau uau uau

Troque seu cachorro por uma criança pobre

(Baptuba, uap baptuba)

Sem parente, sem carinho, sem ramo, sem cobre

(Baptuba, uap baptuba)

Deixe na história de sua vida uma notícia nobre

Troque seu cachorro (uauuu)

Troque seu cachorro (uauuu)

Troque seu cachorro (uauuu)

Troque seu cachorro (uauuu)

Troque seu cachorro por uma criança pobre

Tem muita gente por aí que está querendo levar

[uma vida de cão

Eu conheço um garotinho que queria ter nascido
[pastor-alemão]
Esse é o rock de despedida pra minha cachorrinha
[chamada “Sua-mãe”]

É pra Sua-mãe (é pra Sua-mãe)
É pra Sua-mãe (é pra Sua-mãe)
É pra Sua-mãe (é pra Sua-mãe)
É pra Sua-mãe

Esse é o rock de despedida pra cachorra “Sua-mãe”

Seja mais humano, seja menos canino
Dê guarita pro cachorro, mas também dê pro menino
Se não um dia desses você vai amanhecer latindo
Uau, uau, uau

Proposta de Redação

Desde os primeiros textos da Prova de Língua Portuguesa, o tema tratado focaliza, de diferentes maneiras, a figura do animal de estimação. Em *Quincas Borba*, de Machado de Assis, a afeição Quincas Borba pelo cão é extremada, a ponto de dar-lhe seu próprio nome; em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o afeto pela cachorra Baleia, que está muito doente, leva Fabiano a sacrificá-la, para não a ver sofrer. Por fim, no texto de Laura Mattos, há detalhes curiosos sobre um novo programa de televisão, em que animais são tratados “como gente”.

Nesta última parte, o texto retirado da revista *Veja* focaliza detalhes da proteção e do amor pelos animais, quanto à alimentação e aos medicamentos – semelhantes aos dos seres humanos. Por outro lado, no fragmento do jornal *O Estado de S. Paulo*, há elementos relativos à preocupação com doenças causadas pelos animais e uma clara tentativa de seu afastamento do convívio das pessoas, nas praias. Por fim, a letra de “Rock da cachorra” é um convite direto a substituir supostos cuidados exagerados com os animais pela preocupação com a criança pobre.

Baseando-se em sua experiência e nos textos literários e jornalísticos apresentados nesta prova, escreva uma redação, no gênero dissertativo, sobre o seguinte tema:

**HÁ EXAGERO NA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS
E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO?**

Comentário à proposta de Redação

HÁ EXAGERO NA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO? *Esta pergunta constituiu o tema apresentado pela Banca Examinadora, que, a exemplo de provas anteriores, ofereceu, na forma de textos literários e jornalísticos,*

além de uma letra de música, uma ampla base na qual o candidato poderia se apoiar para responder à questão proposta.

Caberia, primeiramente, reconhecer um fenômeno que se tem intensificado de maneira notória nas últimas décadas, a saber, o estreitamento das relações afetivas entre humanos e "animais de estimação", evidenciadas na "proteção e no amor" dedicados a tais "companheiros". Os reflexos dessa proximidade se revelariam no sofrimento, por parte desses animais, de males como "ansiedade, excesso de peso, má digestão, tosse", o que estaria contribuindo para o surgimento de medicamentos cujos princípios ativos se assemelhariam aos de remédios criados para humanos.

Diante dessas constatações, o vestibulando poderia refletir sobre as causas do processo de "humanização" a que têm sido submetidos esses animais. Seria apropriado lembrar, por exemplo, o esfacelamento das modernas relações sociais e suas conseqüências, como o isolamento e a carência afetiva, supostamente passíveis de serem supridos por seres dotados de uma espécie de amor incondicional, sem contar a lealdade absoluta. Caberia, contudo, chamar a atenção para os excessos decorrentes desse apego, que acabaria por nivelar humanos e animais — inclusive no que diz respeito aos riscos de "contaminação recíproca": de um lado, os perigos da presença de cães na praia; do outro, a típica depressão humana, que hoje leva animais aos psicólogos.

Independentemente do posicionamento que tenha adotado, o candidato poderia sugerir a busca de uma relação equilibrada entre seres humanos e animais, o que certamente promoveria melhor qualidade de vida para todos.